

ANTÔNIO CONSELHEIRO NOS MANUAIS DIDÁTICOS: CARICATURA DE UM LÍDER

Elisabeth Silva de Almeida Amorim¹

RESUMO

Este artigo propõe investigar como os livros de Língua Portuguesa de Ensino Médio apresentam a história do cearense Antônio Vicente Mendes Maciel (1830-1897), mais conhecido como Antônio Conselheiro, líder religioso da cidade de Belo Monte, no Arraial de Canudos, no final do século XIX, local onde se deu o maior massacre de uma população sertaneja da nossa história. No entanto, a pesquisa trilha o viés literário, tendo como livro base o romance *Os sertões*, de Euclides da Cunha, publicado em 1902, cinco anos após o conflito, descrevendo-o em três partes: *A terra*, *O homem* e *A luta*. Desse modo, através da abordagem teórica da intersemiose, defendida por Roland Barthes, sustentado por uma proposta desconstrutivista, conforme os estudos de Jacques Derrida, seguidos de professores pesquisadores que discutem a questão de Canudos como símbolo de resistência e superação do povo sertanejo, temos: Lícia Soares de Souza e Aleilton Fonseca, farei uso da literatura euclidiana e de manuais didáticos de Língua Portuguesa e Literatura Brasileira para buscar os traços caricaturais de um grande líder da nossa história. A desmontagem do perfil que foi criado de Conselheiro pela imprensa durante toda a Campanha de Canudos (1896-1897) apontará os seguintes resultados: a importância de conhecer a literatura como ferramenta da história e memória de um povo; a valorização da nossa história a partir do texto literário e reflexão crítica sobre o conteúdo circulado nos livros acessíveis aos estudantes da educação básica em processo de formação.

Palavras-chave: Antônio Conselheiro, Manuais didáticos, Educação Básica.

INTRODUÇÃO

Canudos é símbolo da força e coragem de um povo que resistiu a ordem arbitrária de despejo. Um despejo que vai além da desocupação territorial, mas identitário, social, ético, moral e religioso. Expulsar os canudenses da própria terra perpassa por uma série de negações, inclusive cultural. Todavia, a história de Canudos ganhou as manchetes dos jornais desde o final do século XIX, período em que o local serviu de palco para o mais violento massacre do povo sertanejo, conhecido como a Guerra de Canudos.

Este artigo tem como objetivo principal investigar nos manuais didáticos de Língua Portuguesa, Ensino Médio, as diversas narrativas sobre Antônio Conselheiro, líder religioso da cidade de Canudos na época da grande tragédia, também personagem principal do romance *Os*

¹ Mestra, Doutoranda em Crítica Cultural do Pós-Crítica, Universidade do Estado da Bahia- BA, mrs.bamorim@yahoo.com.br, bolsista CAPES.

sertões, de Euclides da Cunha (1902). Apesar do livro euclidiano ser pautado no viés histórico, vale ressaltar que o autor esteve presente na cena dos crimes contra uma população pobre, tal fato o inspirou na construção de uma obra múltipla, mas o nosso olhar é o viés literário, pautado na teoria intersemiótica de Roland Barthes (2001). Isso porque entendemos que a literatura sozinha não consegue ir muito longe, sem dialogar como outras artes, culturas e narrativas para girar saberes. É uma força de poder já defendida por Barthes através da *semiosis* – a liberdade de multiplicar sentidos.

Sem dúvida, Antônio Conselheiro após o evento de Canudos, tornou-se a personalidade histórica mais emblemática dos últimos tempos. Passou por diferentes fases, entre a condenação inicial devido os discursos jornalísticos da época, nos quais prevaleciam a figura monstruosa de um fanático religioso causador da grande tragédia, no entanto, ao ouvir o lado da negação e dos escombros, bem representados pelos sobreviventes e/ou parentes das pessoas que foram mortas no conflito, as versões da guerra foram se modificando, consequentemente, os rótulos atribuídos a Antônio Conselheiro também, mas de forma bem mais lenta. Até o final do ano 1950, o discurso literário sobre a Guerra de Canudos estava ancorado no livro *Os sertões*, de Euclides da Cunha, como ponto de partida ou entrada para desbravar outros sertões.

As controvérsias sobre os motivos do conflito armado entre a população de Canudos e militares contribuíram para negação e/ ou afirmação de Antônio Conselheiro como responsável pelo massacre, conforme as fontes e pré-conceitos adquiridos pelo juízo de valor. Desse modo, as imagens de um beato impávido, portando-se de uma bíblia e cajado em cada mão, crucifixo no pescoço, mesmo diante dos escombros da guerra, foram as mais presentes nos manuais didáticos. E buscar essa narrativa caricatural de um líder herói para uns, vilão para outros, inegavelmente, vítima de um sistema arbitrário e programado para eliminar o diferente. Querer uma sociedade mais justa e igualitária, se recusar a pagar impostos arbitrários, ser contrário algumas leis republicanas, contribuíram para taxar o Conselheiro de inimigo número um do país, foi perseguido até a destruição total do local onde residia e dos seguidores.

Para SOUZA (2004, p. 6) a terceira parte de *Os sertões* “é uma narrativa épica que se abre com o signo do jagunço saqueador, apresentado num perfil positivo”. Este olhar perspicaz de Souza permite-nos a retomar a descrição de jagunço, conforme a visão de Cunha (2018, p. 93) na segunda parte do romance: “O jagunço é menos teatralmente heroico; é mais tenaz; é mais resistente; é mais perigoso; é mais forte; é mais duro”. Desse modo, o jagunço raramente se encaixa num perfil romanesco, devido a própria feição.

Hermann (1996) defende que livro clássico de Euclides da Cunha foi o que mais contribui para que a história de Antônio Conselheiro fosse divulgada, debatida e questionada

dentro e fora do nosso país. Mesmo porque a obra prima euclidiana imortalizou o autor ao tornar-se uma matriz referencial para a compreensão do fenômeno Canudos, no final do século XIX, com suas inúmeras narrativas construídas e desconstruídas ao longo desses anos da publicação do livro.

A história da guerra ou do movimento de Canudos tem sido incansavelmente contada ao longo dos últimos cem anos. Analisada em várias de suas possíveis dimensões, este episódio ensejou diversas interpretações e marcou tragicamente o processo de transição política que deu origem ao regime republicano brasileiro. A busca de explicações para a necessidade do extermínio de uma população que chegou a se estimar em 25.000 sertanejos miseráveis e mal armados produziu inúmeros trabalhos, dos quais, certamente, o clássico de Euclides da Cunha foi o que mais contribuiu para que a saga conselheirista fosse conhecida e discutida dentro e fora do Brasil. (HERMANN, 1996, p. 81)

Antônio Vicente Mendes Maciel ou simplesmente Antônio Conselheiro por ser apontado como líder da guerra, é descrito como “insensato”, “fanático religioso”, “monstro”, “beato de barbas sujas” entre outros adjetivos pejorativos e caricaturados utilizados para identificá-lo. Nasceu em Quixeramobim, no Ceará, em 1830, faleceu na Bahia, no Arraial de Canudos/ Belo Monte, em 1897, Antônio Conselheiro ao enfrentar por quatro vezes expedições militares fortemente armadas, ganhou as manchetes dos jornais e respeito dos sertanejos, enquanto em Belo Monte cerca de 25.000 habitantes eram alvos do ódio de instituições Igreja e Estado.

METODOLOGIA

O evangelizador surgiu monstruoso, mas autômato.

Aquele dominador foi títere. Agiu passivo como uma sombra. Mas esta condensava o obscurantismo de três raças.

E cresceu tanto que se projetou na História. (CUNHA, 1982, p. 122-123, apud SETTE; TRAVALHA; BARROS, 2013, 41)²

O livro didático é um dos instrumentos pedagógicos mais utilizados pelos estudantes. A acessibilidade e a gratuidade ajudam a circulação dos manuais, bem como na promoção da leitura. Falando em leitura, a forma como os textos são apresentados nos manuais podem influenciar o pensamento leitor a ponto de condenar ou isentar um líder, como Antônio Conselheiro, por exemplo. Ao observarmos a opinião de Euclides da Cunha ao longo da Campanha de Canudos, notamos como o discurso se modificou ao se aproximar do alvo dos ataques jornalísticos e militares. No entanto, são comuns nos livros de Língua Portuguesa, Ensino Médio, volume 3, destinados aos estudantes que estão saindo da Educação Básica,

² SETTE, Maria das Graças Leão; TRAVALHA, Maria Antônia; BARROS, Maria do Rozário Starling. *Linguagem em conexão*. Volume 3. São Paulo: Leya, 2013.

caricaturas alusivas ao líder de Canudos, ao trazer à tona *Os sertões*, de Euclides da Cunha, na proposta pedagógica de estudos Pré-modernistas.

Iniciamos em 2020 esta pesquisa de cunho qualitativa, centrada na intersemiótica defendida por Barthes (2001) e no desconstrutivismo de Derrida (2014), como marco do doutoramento no Programa de Pós-graduação em Crítica Cultural, pela Universidade do Estado da Bahia – UNEB, Campus II, Alagoinhas. A princípio eram apenas dez livros didáticos investigados, contudo, ampliamos para cem manuais didáticos em busca de fragmentos de textos, cordéis, imagens caricaturadas de Antônio Conselheiro a partir do episódio da Guerra de Canudos (1896-1897) em consonância com o romance *Os sertões*, de Euclides da Cunha (1902).

A imagem que se criou em torno de Antônio Conselheiro cada vez mais está sendo desconstruída e desmontada para que outros retratos sejam pintados. Sem dúvida, o grande influenciador, mesmo com as controvérsias discursivas, foi Euclides da Cunha. Ele ao publicar *Os sertões* abriu um leque para que o mundo conhecesse a força contraditória dos sertanejos. Um dos textos mais presentes nos manuais ao falar da referida obra, trata-se justamente dessa força e aparente fraqueza.

O Sertanejo é antes de tudo um forte, [...]

A sua aparência, entretanto, ao primeiro lance de vista, revela o contrário.

Falta-lhe a plástica impecável, o desempenho, a estrutura corretíssima das organizações atléticas.

É desgracioso, desengonçado, torto. **Hércules-Quasímodo**, reflete no aspecto a fealdade típica dos fracos. O andar sem firmeza, sem aprumo, quase gingante e sinuoso, aparenta a translação de membros desarticulados. (CUNHA, 1995, p. 129-130 apud TORRALVO; MINCHILLO, 2010, p. 19, grifo do autor)³

Desse modo, a seleção de manuais aprovados pelo Plano Nacional do Livro Didático (PNLD), leituras, pesquisa investigativa com recorte *Os sertões* nos referidos manuais são etapas trilhadas neste percurso. Um caminhar desconstrutor, crítico e alicerçado por abordagens teórico-metodológicas de Jacques Derrida. Filósofo francês, defensor do desconstrutivismo, da literatura enquanto instituição estranha e sem essência e da *différance*, para um olhar além do conceito. Para Derrida (2014) é imprescindível a prática desconstrutora de leitura ou escritura, porque através da qual o prazer é liberado, e sem a partilha, a literatura não sobrevive, porque “Literatura precisa sobreviver-se... abrir-se ao mundo, dialogando com outras produções artísticas e culturais, bem como a própria história”. (DERRIDA, 2014, p. 14)

³ TORRALVO, Izeti Fragata; MINCHILLO, Carlos Alberto Cortez. *Linguagens em movimento*, vol. 3, São Paulo: FTD, 2010.

Leitor é sujeito inteiro, que o campo da leitura é o da subjetividade absoluta...
(BARTHES, 2004 p. 41)

Não é fácil a experiência de formar leitores em determinados contextos nos quais o livro literário está no final da lista, enquanto o manual didático pedagógico é o mais utilizado e aceitável em sala de aula. Sendo o campo da leitura permeado de subjetividades, construções e desconstruções é preciso que o leitor saiba o que ler, como a leitura flui e por quê. Quando investigamos os diversos “Os sertões” nos livros didáticos, cada editora, autor traz em si a relevância do tema, alguns usam fotografias e caricaturas, tais imagens distorcidas aumentam a curiosidade sobre Canudos. Com experiência de 30 anos de docência é muito comum o livro didático funcionar como espécie de catecismo. E partindo dessa premissa, é um preciso livrar-nos dos engessamentos catequizadores para escapar da captura do manual e sair para as desconstruções linguística-literárias.

A literatura que aparece nos manuais é fragmentada e ideológica, muitas vezes sem exploração efetiva dos registros fotográficos de escombros de Canudos, ruínas e povos dominados como prisioneiros da guerra, porém sendo usados como elementos ilustrativos. Euclides da Cunha é o grande autor de uma obra híbrida, pois transita livremente entre o campo da ciência e da arte. Este hibridismo na obra euclidiana chamou e continua chamando a atenção de muitos estudiosos. Dias (2021) cita Veríssimo ao discorrer sobre esta dupla inscrição da obra:

O livro, por tantos títulos notáveis, do Sr. Euclides da Cunha, é ao mesmo tempo um livro de um homem da ciência, um geógrafo, um geólogo, um etnógrafo; de um homem de pensamento, um filósofo, um sociólogo, um historiador; de um homem de sentimento, um poeta, um romancista, um artista que sabe ver e descrever, que vibra e sente tanto aos aspectos da natureza, como ao contato do homem, e estremece todo, tocado até o fundo d'alma, comovido até as lágrimas, em face da dor humana, venha ela das condições fatais do mundo físico, as “secas” que assolam os sertões do norte brasileiro, venha da estupidez ou maldade dos homens, como a campanha de Canudos. (VERÍSSIMO, 2003, p. 46 apud DIAS, 2021, p. 43)

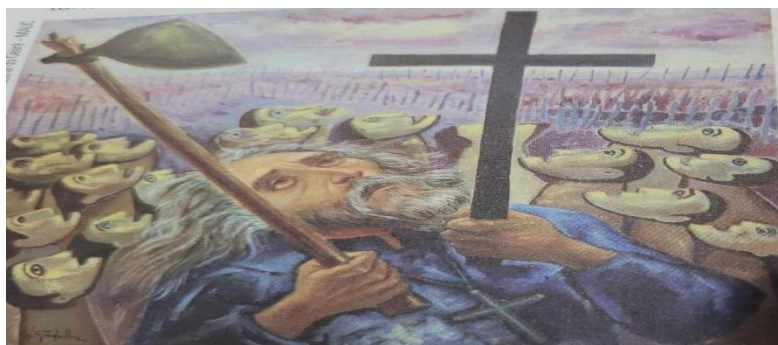
Sem dúvida a obra prima euclidiana perpassa pela luz da verdade, reflexão e da ficção. E Verissimo traz isso muito bem ao apontar Euclides da Cunha como um ser múltiplo: homem da ciência, homem do pensamento e homem de sentimento. Para Santos (2016) a literatura pode servir como arma de guerra para combater o fascismo, o imperialismo e negacionismo cultural, porque toda luta empreitada pelos subalternos é uma forma de resistência, citando a Comuna de Paris como exemplo de transgressão, desconstrução e ocupação de espaços. Porque há uma

guerra cultural subsidiada pela retórica do ódio, no entanto os operários franceses e sertanejos brasileiros resistiram todas as formas de capturas e dominação do poder nefasto e aniquilador.

E quando vimos estampado nos manuais didáticos os fragmentos da obra euclidiana, tipo:

Canudos não se rendeu. Exemplo único em toda história, resistiu até o esgotamento completo. Expugnado palmo a palmo, na precisão integral do termo, caiu no dia 5, ao entardecer, quando caíram os seus últimos defensores, que todos morreram. Eram quatro apenas: um velho, dois homens feitos e uma criança, na frente dos quais rugiam raivosamente 5 mil soldados. (CUNHA, 2003, p.497-498 apud CAMPOS, Maria Inês Batista; ASSUMPCÃO, Nívia, 2016, p.81)

Não se render como opção de vida (ou morte) elevou a história dos canudenses para o mundo. Mais de cem anos depois, ela continua viva nas memórias afetivas e histórias contadas pelos guardiões transmutados de pesquisadores, escritores, poetas entre outros(as) que aplaudem a resistência e a desobediência dos sertanejos. Porque desobedecer é desmontar, desconstruir algo pronto, e Canudos desmontou todo um sistema. Destruir Canudos, após cada derrota militar, tornou-se uma questão de honra para o governo, e o alvo dos discursos de ódio era o líder religioso de Canudos, Antônio Vicente Mendes Maciel, mais conhecido como Antônio Conselheiro. Ódio propagado através de caricaturas, pinturas, textos orais e desenhos. É comum a imagem retratada usar um manto azul, o rosto virado para o céu, com elementos que remetem a religiosidade de Antônio Conselheiro, como Bíblia, cruz ou igreja.



(fig. 1)

Poderíamos dizer que Antônio Conselheiro transitou entre a cruz e a enxada, durante todo a sua peregrinação pelos sertões nordestinos. A terra árida e infértil ganhava as mãos calejadas pelo cabo da enxada dos seus seguidores, produtores da economia de subsistência. A independência econômica de Belo Monte/Canudos incomodou a muitos, desde os religiosos que perdiam fiéis de suas igrejas aos poderosos donos das terras, da imprensa e do poder. O artista plástico Descartes Gadelha (Fortaleza, 1945) criou um conjunto de obras intitulado Cicatrizes Submersas, dentre elas, O reformista (Fig. 1), retirada do livro didático

do Ensino Médio, volume 3, *Esferas das linguagens*, das autoras Maria Inês Batista Campos e Nívia Assumpção, FTD, 2016. p.88. Na imagem, a representação do Antônio Conselheiro no centro, com a enxada e a cruz, enquanto a sua volta, rostos cadavéricos voltados para o céu, igual o líder, como se esperassem a solução do alto para os problemas. Fanatismo, loucura e diabólico termos atribuídos as ações de Antônio Conselheiro fazem parte da carga ideológica construída ao longo dos anos, que não começou com o conflito entre juazeirenses e canudenses, já que os boatos de invasão a Juazeiro alimentam a teoria da conspiração resistente ao tempo.

O que justifica tamanha violência? Dez a doze mil homens fortemente armados, mobilização de soldados de vários estados, assassinatos de donos de jornais monarquistas, destruição das casas e degola de prisioneiros fazem parte do saldo de uma guerra insana. O combate foi para matar homens, mulheres, velhos, jovens, crianças, enfim, banir o Arraial de Canudos da história. Só que “Canudos não se rendeu.” Dos escombros, os pedaços das narrativas saem como fumaça, os avatares se formam, caricaturas e espectros do “profeta louco” que dizia: “Vem quatro fogo, três nossos, um é deles”. Com “arma para matar passarinho” todos os fogos seriam deles, e aos sertanejos restaram a resistência aos fogos, as águas e a retórica do ódio, porque como disse Euclides da Cunha, aparentemente, eles são meio desengonçados, mas numa guerra, agigantam-se, tornando-se “Hércules-quasímodo”.



(fig. 2)

(fig. 3)

Percebemos que a exploração do livro *Os sertões*, de Euclides da Cunha nos manuais didáticos que chegam às mãos dos nossos estudantes de Educação Básica é marcada por cautela nas denúncias e silêncios, no registro fotográfico de Flávio de Barros (fig.2), fotógrafo oficial da Guerra de Canudos, traz a inscrição “Sertanejos seguidores de Antônio Conselheiro, em Canudos, 1897”, disponível no Museu da República. No livro didático Português *Esferas das linguagens*⁴, da Editora FTD, ela aparece sob o título “Oficina de imagens”, porém as autoras Campos e Assumpção não exploram a imagem apresentada.

A mesma fotografia (fig. 2) aparece no livro *Português: contexto, interlocução e sentido*, vol. 3, Editora Moderna, 2013, contendo a data de 02 de outubro de 1987, e uma breve

⁴ CAMPOS, Maria Ines Batista. ASSUMPÇÃO, Nívia. Português: Esferas das linguagens, v. 3. São Paulo: FTD, 2016. p.78

explicação sobre a imagem como incentivo aos alunos trocarem impressões; inclusive, diz tratar-se de “trezentos prisioneiros de Canudos.” Uma das questões é sobre os dois grupos que aparecem na fotografia, e solicita uma caracterização dos grupos, cobrando o tipo de emoção que os rostos revelam. Assim, percebemos como o conflito histórico e o enredo do livro de Euclides da Cunha, mesmo com o registro da fotografia documental, há cautela na linguagem da elaboração de questões, tipo: “Como é descrito o povoado que está sendo construído pelos seguidores de Antônio Conselheiro em Canudos?” e “Releia este trecho (fragmento do texto de Euclides da Cunha), observando os adjetivos destacados”.

Destruir Canudos após cada derrota militar, tornou-se uma questão de honra para o governo, e o alvo dos discursos de ódio era o líder religioso de Canudos, Antônio Vicente Mendes Maciel, mais conhecido como Conselheiro. Ódio propagado através de caricaturas, conforme a fig. 3, caricatura de Pereira Neto para a Revista Ilustrada, em 1897, disponível na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro. Esta imagem foi retirada do livro de Português (CAMPOS e ASSUMPCÃO, idem, p. 78), no qual a legenda traz informações sobre Antônio Conselheiro e os problemas com o governo republicano ao liderar uma rebelião contra a cobrança abusiva de impostos, já que Belo Monte, local onde fixou moradia com seus seguidores, era desassistida política, social e culturalmente. As imagens nos livros didáticos são cuidadosamente escolhidas, mas pouco comentadas, mesmo porque, elas fazem parte de uma retórica do ódio contra os sertanejos seguidores de Antônio Conselheiro.

Parece que condenação de Canudos se estende até os anos atuais, mesmo com documentos em mãos, há uma resistência para falar da degola de prisioneiros, conhecida como “gravata vermelha”, o abuso sexual com as prisioneiras de guerra, o comércio ilegal de humanos entre outros abusos ocorridos no período da Guerra. Para sanar algumas lacunas dos manuais didáticos Aleilton Fonseca (2009) descobriu seu “Ozébio”, o guardião da memória e da história de Canudos, no romance *Pêndulo de Euclides*, na sua simplicidade diz:

- A gente daqui, de criança a velho, tem a vida toda pra aprender a contar as histórias. A nossa gente não pode esquecer os feitos e as desfeitas do passado. É preciso assuntar o sol de cada dia e imaginar as coisas que ainda vão chegar. Mesmo que tristes, são as pedras e os espinhos de nossas estradas. São as marcas de nossas experiências, neste viver perigoso. (FONSECA, 2009, p. 202)

Para não ficarmos inertes diante das lacunas encontradas, podemos levar para a sala de aula a exposição virtual “Belo Monte/Canudos” do artista plástico baiano Silvio Jessé, sem esquecer dos versos do poeta que transpira Canudos, José Américo Amorim, afinal a destruição de Canudos decretado pelos homens do poder e das armas foi o começo para outras narrativas

com armas bem mais resistentes ao tempo, como os artistas citados pintaram com outras cores e traços esse fim.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em cinco de outubro
Era só destruição
Muitos corpos mutilados
Por dinamite e canhão.

Na terra prometida
A solidão se plantou
Casebres todos em chamas
A tirania triunfou.

Soldados ainda rugiam
Com ataques de loucuras
Prisioneiros sentiam na pele
Todo tipo de torturas

Mas temos que tomar
Como exemplo esse povo
Que lutou bravamente
Em busca de um tempo novo.

(José Américo Amorim, poesia O fim, 2018, p.72)⁵

A Guerra de Canudos continua mexendo com o imaginário e as práticas discursivas de cada um. A caricatura foi a arte presente em quase 100% dos livros investigados, sendo o alvo de escárnio o Antônio Conselheiro. No entanto, por não apresentar nenhuma fotografia de Conselheiro, a caricatura pode ser interpretada como imagem documental, apesar dos traços exagerados, grotescos com intuito de provocar o riso.

Alguns livros exploraram e extrapolaram no incentivo à leitura, com cordéis, pintura, charge, caricatura, textos diversos gêneros em torno do tema (jornalísticos, eclesiásticos, literários, humorísticos), proporcionando aos estudantes criarem opiniões fortalecidas e críticas acerca a Guerra de Canudos descrita no livro *Os sertões*. Em sentido oposto, há manuais que trazem apenas fragmentos do romance e investem exclusivamente em questões de compreensão, interpretação e gramática dos textos apresentados. Transformando a literatura numa disciplina chata, quando não abraça outras artes para um diálogo transgressor, saudável e transdisciplinar. Vale registrar manuais que não apresentam o romance, apesar de ter o título

⁵ AMORIM, José Américo, Canudos 120 anos – 1897-2017. Salvador: ALBA, 2018.



“Pré- Modernismo no Brasil”, exploram outros autores como Monteiro Lobato e Lima Barreto, enquanto o Euclides da Cunha nem é citado.

A história de Canudos não pode ser silenciada nos manuais didáticos de Ensino Médio. As lacunas do livro didático poderão ser sanadas com oficinas de leituras de desconstrução do literário, com isso, as imagens que faltam nos livros poderão ganhar as paredes das escolas, mudando o cotidiano literário. Os gritos ouvidos dos corpos em chamas viram poesias de protestos, cordéis, pinturas e escapolem das paredes e invadem os espaços virtuais. Porque como defende SEIDEL (2020, p. 123), “toda professora, todo professor é intelectual”, pela capacidade de refletir, analisar e especular as teorias.

REFERÊNCIAS

AMORIM, Elisabeth S.A. **Desmontagem literária na educação básica: modos de criar, modos de combater e anular dispositivos de poder.** Novas Edições Acadêmicas – Omni Scriptum GmbH & Co.KG: Saarbrücken/Niemcy – Alemanha, 2016.

BARTHES, Roland. **Aula:** aula inaugural da cadeira de semiologia do Colégio de França. Tradução Leyla Perrone – Moisés. São Paulo: Cultrix, 2001. Pronunciada em 7 de janeiro de 1997.

BARTHES, Roland. **O rumor da língua.** Prefácio de Leyla Perrone- Moisés, Tradução de Mário Laranjeira. 2ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

BITTENCOURT, Solange Torres. **Livro didático de português: diagnóstico de uma realidade.** artigo de demanda contínua. Educar em revista, Setor de Educação. Curitiba: Universidade Federal do Paraná, disponível em <https://www.scielo.br/j/er/a/8bHZGPncJGc894B983X4wqC/?lang=pt#> Acesso em 06/09/2022.

CANUDOS. PM/BA – Alagoinhas Artigo. Disponível In: http://www.pm.ba.gov.br/images/CPM_Alagoinhas/canudos.pdf acesso em 14 de out. 2021.

CUNHA, Euclides da. **Os sertões:** campanha de Canudos. São Paulo: Abril Cultural, 1982, p.122-123.

CUNHA, Euclides da. **Os sertões.** 1ed. Barueri - SP: Ciranda Cultural, 2018.

DERRIDA, Jacques. **Essa estranha instituição chamada literatura.** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.

DIAS, Léa Costa Santana. **Euclides da Cunha em terras baianas e amazônicas:** impressões de um viajante sobre sertões brasileiros e outros espaços. Salvador: EDUFBA, 2021.

FONSECA, Aleilton. **O pêndulo de Euclides.** Romance. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2009.

HERMANN, Jaqueline. **Canudos destruído em nome da república:** uma reflexão sobre as causas políticas do massacre de 1897. Tempo, Rio de Janeiro, vol. 2, n 3, 1996, p. 81-105. Disponível acesso 20, nov. 2021.

JESSÉ, Silvio; FONSECA, Aleilton. **Belo Monte/Canudos:** A terceira margem. Salvador: ALBA, 2019.



OLAVO, Antônio. **Paixão e Guerra no sertão de Canudos**. Diretor e roteirista Antônio Olavo. Documentário. 1993. disponível In: <https://www.youtube.com/watch?v=4mFi9auXYE> acesso em 20 de set. 2021.

ROCHA, João Cezar de Castro. **Guerra cultural e a retórica do ódio** - crônica de um Brasil pós-político. Prefácio de Cláudio Ribeiro. Goiânia: Caminhos, 2021.

SANTOS, Osmar Moreira dos. **A luta desarmada dos subalternos**. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2016.

SEIDEL, Roberto Henrique. As materialidades do texto na contemporaneidade: deslendo os conceitos de leitor, autor e obra. In: FÉLIX, José Carlos; SALVADORI, Juliana Cristina. **Desleituradas - o autor e o leitor no jogo do texto**. (org.) 1. ed. Curitiba - Appris, 2020, p. 173.

SOUZA, Lícia Soares de. A poética do ciclo canudiano. In: **O guardador de inutensílios**. Cadernos de cultura. Universidade Católica Dom Bosco. N. 7, Campo Grande: UCDB, 2004.